



COTTINGHAM, John. **Why believe?** Londres: Continuum, 2009.

Por que acreditar?

João Batista Libanio*

Livro dirigido indiferentemente a quem crê e a quem não crê, sem pretensões apologéticas. Com extremo realismo, em estilo direto e claro, o renomado filósofo inglês aborda a realidade do crer. Em livros anteriores, o autor trabalhou a dimensão espiritual como novo modelo para a filosofia da religião, o sentido da vida e desenvolveu estudos sobre Descartes. Reúne qualidades raras: lucidez, experiência de vida, clareza de mente, sensibilidade humana tanto para a dimensão religiosa e da fé quanto para os problemas dos agnósticos e ateus.

O livro se inicia com a discussão dos benefícios do crer, a partir do olhar dos que creem e dos que não veem por que crer, ou dos que gostariam de crer, mas não conseguem. O autor constata o sentimento difundido de que a atitude religiosa oferece certos benefícios ao que crê, na forma de encorajamento e consolo. À primeira vista, isso parece irrelevante para a questão “por que crer?”. Mas pode ser estratégia que leve alguém a crer. Contra tal caminho, o autor afirma que o crer deveria ser conduzido pela via das razões e evidências.

A discussão prossegue com a ideia de que a sensibilidade moral, estética ou religiosa ocupa lugar relevante na realidade humana e não pode ser descartada da razão e da evidência. O autor explica que a aspiração pela beleza, bondade, verdade, trabalhada desde Platão por vários filósofos, reflete certo correlato objetivo – para o teísta é Deus – e não se explica como mera aberração humana. Mostra-lhes a estranha qualidade gerundiva: a beleza, deve-se admirá-la; a bondade, deve-se buscá-la; a verdade, deve-se crer nela. Embora elas sejam vistas com suspeita pela pós-modernidade, cresce entre os filósofos maior consenso sobre a sua objetividade.

O autor trabalha bem as fronteiras entre o científico e o metafísico, explicando que o científico se circunscreve ao constatável e, além dele, não lhe cabe negar nem afirmar, enquanto o metafísico ultrapassa tal demarcação, apelando para o sentido além do empírico.

* Doutor em Teologia (Gregoriana-Roma) e professor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje).
País de Origem: Brasil. E-mail: secteologia@faculdadejesuita.edu.br

Além disso, ele desenvolve interessantes reflexões sobre os milagres, a ressurreição de Jesus, a transfiguração. Aponta para os dois extremos que não dão conta dessas realidades: o fundamentalismo, que desconhece o mundo da ciência, e um cientificismo empírico, que ignora os limites da ciência, hoje estabelecidos até mesmo pelos cientistas. Nesse contexto, trabalha os obstáculos para o crer, numa análise que ultrapassa a mera constatação dos fatos.

Articula experiências religiosas com outras experiências humanas, como as estéticas, que gozam de outro tipo de realidade além da empírica sem, no entanto, perder-se no meramente subjetivo e mitológico. Elas têm sua própria racionalidade, que remonta ao mundo da emoção, da afetividade.

Sem essa abertura, a reflexão sobre o crer e o não crer perde consistência. O autor se preocupa em mostrar a incoerência do discurso científico positivista, que carrega em si uma contradição que se refuta a partir de sua própria natureza. Mostra que a mudança existencial em face de um acontecimento, embora este escape da pura descrição empírica, não se reduz a uma invenção afetiva, mas revela nível de objetividade de outra natureza. Essa é uma afirmação recorrente no livro. Cabe perceber diversos níveis de objetividade que não se confinam a pura verificabilidade e constatação de aparelhos e dos sentidos. O crer consiste precisamente na mudança da orientação do conhecimento. Sai do campo do puramente verificável para o significado existencial a partir de um evento básico. Ele cita Wittgenstein que lhe esclarece a linha de pensar: “A vida pode educar alguém para uma fé em Deus”. E acrescenta como exemplo de tal realidade uma cena do romance de Tolstói – *Ana Karenina* – que envolve o herói Levine. Este, incrédulo, pratica um ato de fé, não a partir da evidência da razão, mas de um quadro religioso que lhe possibilita interpretar a relação de amor com sua esposa Kitty, que estava a ponto de dar à luz. Esse arcabouço religioso, que ele trazia desde a infância, é que lhe deu sentido para a experiência do amor maravilhoso e gratuito de sua esposa. Ele a amava, mas naquela noite vinha carregado de culpa. Aconteceu-lhe, então uma explosão de arrependimento e ele invocou a Deus. O leitor pode conferir a bela página no capítulo 13 da parte VII.

Aquele que diz “gostaria de crer, mas infelizmente não posso”, apelando, no fundo, para o mundo racional, da evidência constatável, não resolverá seu problema somente por meio de uma investigação intelectual. O crer caminha por outra via que não deixa de ter sua racionalidade, mas não pela trilha da pesquisa intelectual. Há certa analogia com a

psicanálise. Para crer, faz-se mister baixar as resistências do controle racional e assim permitir crescimento e cura. Há posturas de pessoas “de fé” que depõem contra o crer: pensar, por exemplo, que elas possuem passaporte exclusivo para o céu, ou manifestar compreensão exagerada da responsabilidade pessoal unida à terrível visão do juízo final e desconhecimento dos problemas deste mundo em vista da vida eterna numa perspectiva antropológica de uma alma puramente espiritual. A fé cristã, na verdade, vai noutra direção. Apresenta um mundo marcado pelo amor providencial de Deus.

Em sua parte final, o livro aborda o problema do sofrimento humano, que parece negar a bondade, a beleza, a verdade da criação, sendo um dos maiores e mais persistentes obstáculos para se crer em Deus. O autor considera inapropriado o epíteto “problema do mal” atribuído ao sofrimento humano, pois muitos sofrimentos há que não se originam de ações humanas más. A própria natureza evolutiva do universo já nos oferece pontos para entendermos que muitos elementos positivos desse processo surgiram de gigantescas catástrofes. Isso vale do próprio surgir e evoluir da vida até aparecer o ser humano. E deste até nós. Tudo o que é limitado pelo tempo está sujeito a morte e corrupção ou muda em outra espécie de coisas. Somos parte desse processo, submetidos ao fluxo de crescimento, mas também à decadência e ao sofrimento. Certo sofrimento serve de alerta para a vida. Sem ele, não teríamos vivido. Sem desvendar totalmente o mistério do sofrimento, o autor apõe reflexões científicas e filosóficas que lhe trazem luz.

O livro se encerra com o sugestivo lema “caminha pela via da fé”, inspirado na letra de uma Cantata de J. S. Bach: *Tritt auf die Glaubensbahn*. O quadro religioso de pensar provê um lar conceitual para qualidades morais admiráveis de esperança e humildade e para nosso profundo impulso a fim de responder ao dom da vida com gratidão e temor. Com isso não se diz que todo aquele que crê realmente manifesta tal conjunto de qualidades em suas palavras e ações. Há uma distinção entre o concreto das pessoas que creem e não creem e as possibilidades heurísticas e existenciais que o quadro religioso oferece. Aí está um dos pontos centrais do livro, que mostra profundo respeito às pessoas sem, porém, cair num relativismo conceitual a respeito das possibilidades maravilhosas oferecidas pelo crer.

Enfim, o caminho do crer responde às nossas aspirações mais profundas e integra sensibilidades humanas. Isso nos oferece rica e satisfatória intelecção do valor de que está impregnada a realidade. Assim nos é possível ir além de um cosmos fechado, em última análise sem sentido, em direção ao transcendente (Deus ou não). Somos guiados dentro de

um quadro mental religioso, transcendente, que não pode ser contradito pela ciência. Tal quadro adquire consistência e relevância por causa de uma transformação moral e afetiva que nos permite descobrir o sentido da vida. Não se decide tal mudança por obra de uma evidência cuidadosamente investigada, mas demandada pelas duras lições da vida. O que a fé religiosa traz para a vida do que crê não é, porém, nada que possa ser facilmente definido filosoficamente ou analisado só pela inteligência. Sua dinâmica é talvez, no final, carregada por algo que parcialmente transcende as palavras, como sugere a expressão citada de J. S. Bach. Só caminhando com a coragem da fé se alcança o profundo de tal reflexão.